

marilá dardot: rayuela, 2005

I would have preferred to be enveloped in words, borne away beyond all possible beginnings. At the moment of speaking, I would like to have perceived a nameless voice, long preceding me, leaving me merely to enmesh myself in it, taking up its cadence, and to lodge myself, when no one was looking, in its interstices as if it had paused an instant, in suspense, to beckon to me. There would have no beginnings: instead, speech would proceed from me, while I stood in its path - a slander gap - the point of its possible disappearance.

(Michel Foucault, "The Discourse on Language". In: *The Archeology of Knowledge*, 1972, Pantheon Books, New York, p. 215)

O conjunto de trabalhos de Marilá Dardot desde o final dos anos 1990 caracteriza-se, entre outras questões, pelos diversos tipos e níveis de colaboração que ela estabelece com outros artistas, escritores, pensadores e o próprio público visitante de suas exposições, propondo uma mudança de estatuto de certas referências no espaço do coletivo e da cultura, ao mesmo tempo em que fricciona as relações e as categorias que organizam as diversas práticas dentro do território da arte hoje. A partir de uma estratégia conceitual e de apropriação, aliada a um sutil espírito crítico, a artista constrói um espaço ampliado, interdisciplinar, onde o trabalho surge de uma estreita relação com um lugar, um objeto, uma situação ou circunstância. Embora simples e diretos, planejados e executados de modo engenhoso, vídeos, livros, instalações e esculturas oferecem uma experiência de ordem subjetiva e poética, provocada por pequenos gestos, deslocamentos e rupturas, que alteram a percepção da *própria* arte, da cultura e da relação delas com o mundo. Todos são entendidos *sempre* como parte de uma mesma paisagem, em constante construção. Trata-se de trabalhos que privilegiam a contemplação silenciosa, o caminhar solitário, e que propõem uma experiência de interação para além da sua materialidade no espaço - algo semelhante a delicada distância compartilhada entre o autor e o leitor de um livro

Entre seus diversos projetos, Marilá vem desenvolvendo uma série de trabalhos que tomam o livro e a escrita como matéria-prima formal e conceitual para seu desenvolvimento. Neles, importantes referências da literatura e da filosofia ocidental são "traduzidas" da linguagem verbal para uma experiência num território estendido do visual, como que procurando conferir materialidade às idéias e questões que fundam essas obras. Eles exploram outras formas de percepção e interpretação dos textos e da escrita. Nesses trabalhos, a artista parece querer amalgamar-se com as obras para ser capaz de penetrar no centro da linguagem, enredando-se com palavras e conceitos, num exame minucioso de seu significado. Pode-se associar essa estratégia àquela descrita na aula Inaugural de Foucault no Collège de France, em 1971, quando ele expressou o seu desejo de não ter de partir do zero, do princípio, para iniciar um discurso, mas, em lugar disso, escorregar imperceptivelmente para dentro de um já existente. Desse modo, Marilá detecta outras narrativas nos interstícios das escrituras de que se apropria, situando o texto original entre a experiência intelectual e física dele, e a reflexão por ele motivada. E é nesse frágil intervalo de tempo e espaço, mais ainda que aquele da instalação em que o olho e o corpo podem perambular, que a verdadeira relação entre o trabalho e o espectador acontece.

Na vídeo-instalação *Hic et Nunc*, 2002, uma projeção em *loop* sobre uma lousa branca mostra, continuamente, uma mão que escreve um verbo. Uma vez escrito, este é imediatamente apagado para dar lugar a um novo verbo, e assim sucessivamente. Aqui a artista trabalha o espaço interno das palavras, a busca da essência das coisas, dos significados que elas designam, o peso que carregam e como elas definem um espaço físico e mental. Ao mesmo tempo, afirma a escrita como desenho, enunciação, gesto primeiro no registro da vontade, a materialização do nome e da idéia, trazendo referências específicas aos processos de pensar e fazer da artista. Na instalação *Pensamento do Fora* (2001, no Museu de Arte da Pampulha), inspirada no ensaio de Michel Foucault com o mesmo título, Marilá criou placas de sinalização como as existentes nos jardins do museu, só que com citações emprestadas da história da literatura e do pensamento, criando uma biblioteca ao ar livre sobre temas como a arte, o tempo e a natureza. Para *A Origem do Obra de Arte* (2001), numa referência ao conhecido texto de Martin Heidegger, foram criados 150 vasos de cerâmica em forma das letras do alfabeto, que, com o acréscimo de terra e sementes, eram preparados pelos visitantes e colocados juntos aos jardins do mesmo museu, formando ou não palavras e frases. Nesse caso, a obra é o resultado da colaboração entre a artista e o espectador, trazendo questões como a relação entre as partes na constituição de um espaço coletivo de troca de experiências e conhecimento. Opera também com duas outras noções: a de dicionário/arquivo - fonte, referência -, e a de natureza e meio ambiente - o jardim do museu, as sementes, o desenho comentado de uma paisagem, sempre em movimento. Ao mesmo tempo, em ambos os trabalhos, Marilá apropria-se de um espaço público para delinear um lugar geográfico que, por demandar a movimentação física do espectador entre palavras ou entre diversas citações, converte-se numa espécie de biblioteca contendo todos os livros e todos os leitores.

Para a primeira edição do Prêmio CNI SESI Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas, Marilá desenvolveu o projeto *Rayuela* (*O Jogo da Amarelinha*), que se apropria do livro com o mesmo título do escritor argentino Julio Cortázar. São 322 gravuras fotomecânicas feitas a partir de cada uma das páginas do livro, reproduzidas em seu formato original mas alteradas pela artista, que apagou todo o texto, deixando apenas fragmentos de frases, locuções e verbos que indicam movimento, passagem e deslocamento. Estão emolduradas individualmente e podem ser montadas com diferentes configurações. O trabalho se realiza como uma espécie de intertexto, aberto a outras possíveis interpretações e organizações, acentuando, desse modo, o caráter lúdico e participativo do livro original. Assim como o leitor é deslocado entre os capítulos, o espectador também é levado a construir sua própria travessia pelas páginas do livro, do mesmo modo que o personagem principal da narrativa parece movimentar-se sempre à deriva, em busca de sentido.

O trabalho toma o livro como objeto deixado, como registro de uma experiência, documento cultural e simbólico agenciado pelas suas possibilidades de tradução e reprodutibilidade; além, é claro, como sua própria proposta literária: um jogo de combinações, aberto a múltiplas interpretações e leituras. Desmontado e reproduzido no espaço de galerias, ele ganha uma nova objetividade, que materializa a experiência da leitura, ainda que mediada e subjetiva (a escolha da artista foi preservar apenas as locuções e verbos de movimento). As imagens não são fáceis nem sedutoras. Ao contrário, exigem do espectador disciplina e compromisso para serem lidas inteiramente, parte por parte, seguindo palavras e locuções entre longos e áridos hiatos deixados pelo apagamento do texto. Espaços abertos à imaginação e a novas intervenções. O visitante é lançado em uma viagem vertiginosa pelas palavras, páginas apagadas, evocações pessoais. Marilá Dardot parece levar as possibilidades de intervenções ao seu ponto limite, onde a linguagem desmaterializa-se para constituir um território de micro/macro relações com o público segundo o modo e o lugar em que é percebida, criando a noção de um espaço ilimitado e de um mundo sem fim.